

O (IN)SUCESSO DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Alane Teixeira Silva (alaneteixeirasil@gmail.com)
Graduanda / UNEB VI - Caetitê

Resumo: Tendo em vista a atual colocação da Língua Inglesa como língua franca e sua importância para o entendimento e comunicação entre diferentes povos e culturas, faz-se extremamente necessária a aprendizagem de forma efetiva deste idioma. No entanto, o nosso país tem ficado para trás nesse quesito com uma quantidade de falantes relativamente baixa. No Brasil há a oferta do ensino de LI nas escolas públicas a partir do 6º ano do ensino fundamental até o ensino médio, então como justificar esse déficit de aprendizagem e fluência? Levando em consideração as lacunas estruturais já existentes no sistema de ensino público, não podemos deixar de olhar como a relação professor-aluno influencia na aprendizagem, assim como o interesse e a necessidade que esse aluno sente para manter-se atualizado. Apesar da presença do ensino de Inglês nas escolas públicas, os nossos alunos chegam ao final do seu percurso de estudos com pouca ou nenhuma noção sobre o idioma estudado. É necessário pensar: por que os jovens brasileiros não falam inglês, sendo que há a presença do ensino deste idioma na escola pública? Utilizando de pesquisa bibliográfica, esta pesquisa se embasa nos estudos de Leffa (In Lima, 2009), que trata do interesse inicial dos alunos no aprendizado de uma língua estrangeira e o consequente desencanto que ocorre nas séries seguintes, Bohn (In Lima, 2009), que reflete e questiona a respeito dos fatores sociais e culturais que interferem na aprendizagem de língua inglesa no âmbito social, profissional e cultural, e Celani (2016), que trata da necessidade da aprendizagem de uma língua estrangeira e da formação do professor de inglês. Podemos induzir a partir deste estudo, que o baixo número de falantes de inglês em nosso país, se torna mais um fator de segregação social.

Palavras-chave: ensino/aprendizagem; escola pública; língua inglesa.

Introdução

O ensino de Língua Inglesa no Brasil é ofertado nas escolas públicas a partir do 6º ano do ensino fundamental seguindo até o ensino médio, no entanto, agora com a nova Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017/18) essas aulas não seguem até o 3º ano do ensino médio, ficando obrigatório apenas até no 1º ano, sendo que nos anos finais a sua disposição ou não, varia de acordo com o itinerário estudantil escolhido pelo aluno.

Em adição, a regulamentação existente para o ensino brasileiro de Língua Inglesa garante apenas a oferta dos conteúdos e não a aprendizagem efetiva dos mesmos. A LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Brasil, 1996) traz que a língua estrangeira deve ser ensinada a partir da sexto ano do ensino fundamental; no entanto ainda que esse

início antecipado possa parecer um avanço educacional em relação à LDB anterior, o impacto é nulo na aprendizagem dos alunos já que a lei assegura a liturgia do ensino, garantindo apenas que ele seja lecionado nas escolas mas não garante a aprendizagem efetiva do idioma (Leffa In Lima, 2009, p. 117). A obrigatoriedade do ensino de inglês é sim benéfica para a educação pública, porém não podemos deixar de olhar para as lacunas do ensino público de idiomas no Brasil. Porque não consigo aprender inglês? Existe um déficit presente na aprendizagem dos jovens brasileiros em Língua Inglesa que se faz necessário pensar neste problema de porque os jovens estudantes brasileiros não aprendem inglês na escola pública apesar de terem aulas do idioma. Os estudantes concluem seus estudos sem ao menos ter noções mínimas de comunicação.

Os alunos que iniciaram seus estudos no sexto ano, curiosos e empolgados por estarem começando a aprender um idioma novo, com o passar das séries podemos notar a desmotivação crescente desses alunos ao ponto de questionarem ao professor, “professor, para que aprender inglês?” (Leffa In Lima, 2009, p. 115). É válido nos perguntarmos: como acontece essa mudança? O que houve com aquela criança empolgada? O que suprimiu toda aquela empolgação e transformou em desinteresse? As aulas de língua estrangeira passaram de fundamentais e importantes para um mero componente curricular que tem de ser cumprido até o fim do ano letivo. Entendendo que o ser humano é naturalmente curioso e crianças têm disposição para aprenderem coisas novas, não deveria ser ignorado que esse interesse faz parte do processo de aprendizagem. Do ponto de vista de Leffa (In Lima, 2009, p.115):

Antes de ir para a escola, qualquer criança quer aprender tudo, inclusive ler, escrever e falar uma língua estrangeira. Em pesquisas informais que fiz durante anos, ao perguntar para as crianças, em sua primeira aula de inglês, se queriam aprender a língua, a quase totalidade respondia afirmativamente. A pergunta “professor, para que aprender inglês?” só vem mais tarde. Por que isso acontece?

Uma disciplina com carga horária já considerada insuficiente para uma aprendizagem adequada passa a ter um número de aulas ainda menor com a não exigência

do ensino da disciplina nos anos finais do ensino médio. Nesse segmento, afirma Schmitz (In Lima, 2009, p. 14), “a carga horária nem sempre é favorável para a disciplina de língua estrangeira nas escolas públicas. O número de horas é pouco, e o tempo limitado não permite dar atenção igual a todas as habilidades.” O tempo curto das aulas deixa o professor limitado em sua forma de lecionar, de interagir e de dar suporte às dificuldades dos seus alunos durante as aulas. Além disso, uma somatória desses e diversos outros fatores levaram ao atual insucesso do ensino de Língua Inglesa no Brasil.

Em um momento em que a escola deveria se adaptar a uma necessidade social de aprendizagem da Língua Inglesa como língua franca no mundo globalizado, damos um passo atrás com a redução da carga horária. Os jovens brasileiros que estudam ao longo dos anos da sua educação básica a partir da segunda fase do ensino fundamental, com cerca de duas horas/aula por semana, concluem esse período e pouco sabem desta língua tão comum em nosso meio. Com conhecimentos ínfimos sobre a língua estudada seria viável que o alunado efetivamente aprendesse noções de comunicação na língua ensinada pois, "a maneira com que o inglês é trabalhando pode causar um certo desinteresse nos alunos"(Costa, [2003], p. 03). As lacunas existentes no sistema de ensino fragilizam a aprendizagem de um aluno que estuda durante anos na escola e não aprende noções básicas para comunicação no idioma.

O insucesso do ensino de inglês na escola pública brasileira

O ensino de Língua Inglesa faz parte do currículo estudantil das escolas do Brasil já desde o período imperial. Após a reforma de 1855, o currículo das escolas secundárias passou a ter espaço para além das línguas clássicas como o Latim, também as línguas modernas, a exemplo da Língua Inglesa (Leffa, 1999, p. 16), se modificando com o passar do tempo, chegando às normatizações de ensino que temos hoje.

As novas regras da BNCC trazem uma redução na carga horária de Língua Inglesa ao torná-la optativa em alguns itinerário do ensino médio, tornando uma disciplina que já tinha carga horária insuficiente para uma aprendizagem adequada, que deveria ter um número de horas/aulas superior a carga existente anteriormente devido a sua importância neste momento em que dia após dia a Língua Inglesa vem conquistando cada vez mais

poder e relevância global, em um país que possui baixíssimos índices de fluência na Língua Inglesa. O Brasil está na 58ª posição no *ranking* internacional de fluência da *Education First* (Spirandeo, 2013) e conforme dados da instituição *British Council* possui apenas 5% de brasileiros que conseguem se comunicar usando o idioma e, desses, apenas 1% fluente na língua. Partindo destes dados, nota-se que 95% dos brasileiros não falam inglês em nenhum grau. O déficit da educação pública de Língua Inglesa faz o acesso a esse idioma ser elitizado e restrito apenas a aqueles que possuem condições financeiras de arcar com os custos de um curso particular.

Os alunos da escola pública concluem a educação básica sabendo menos que o mínimo ou nada do inglês, apesar de terem aulas semanais do idioma. O sistema público brasileiro de ensino tem falhado em ensinar aos nossos jovens um novo idioma inglês que se tornou um conhecimento de fundamental importância, pois lidamos com ele na Internet e redes sociais, com produtos que compramos, no trabalho e em diversos momentos do nosso cotidiano. A globalização da Língua Inglesa tem feito dela um conhecimento de extrema relevância para a comunicação e interação. Assim, segundo David ([2003], p. 76), “[...] o ensino do inglês constitui um fator importante para que qualquer pessoa inserida no meio social possa ter acesso ao mundo tecnológico e cultural”. A Língua Inglesa está presente em diversos países como o idioma utilizado para a interação entre diferentes povos e culturas, criando assim uma barreira linguística entre quem sabe e quem não sabe se comunicar.

Apesar da presença da Língua Inglesa no currículo da educação básica já há algum tempo a estrutura do ensino público brasileiro não oferece suporte educacional para o educando, “a aprendizagem de língua estrangeira, contrariamente às línguas maternas, caracteriza-se pela alta taxa de insucesso nas aprendizagens” (Bohn In Lima, 2009, p. 175). Turmas numerosas e com uma grande diferença no nível de aprendizagem entre os alunos acabam deixando o professor incapacitado de dar suporte adequado a todos, resultando em uma formação deficitária. Em grande parte, esse déficit se sobressai um pouco mais nos quesitos de fluência e compreensão oral. Somando a excessiva preocupação de professores e corpo docente com o cumprimento do calendário escolar e conteúdos gramaticais, assim a aplicação prática, principalmente da oralidade, acaba ficando insuficiente e debilitada.

A falta de um material didático adequado ao nível de aprendizagem que o aluno se situa, desfavorece e dificulta não só a aprendizagem do aluno como também o trabalho do professor em aula, que fica sem um suporte de material didático adequado. A título de exemplo, os livros didáticos disponibilizados pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) para os alunos do 6º ano, que estão tendo o seu primeiro contato com a língua, são com conteúdos em inglês, o que seria benéfico se não fosse o detalhe de que eles nunca tiveram contato com o idioma anteriormente, dificultando ao professor de utilizar esse material de forma adequada.

Um ponto interessante a se observar, é que o estudo do *British Council* citado anteriormente também traz um dado relevante sobre a formação de professores. O estudo menciona que 87% dos professores de inglês das escolas públicas possuem ensino superior, no entanto, apenas 39% desses tem a sua formação em Língua Inglesa, o que justificaria o fato de a pesquisa trazer que 69% deles afirmaram ter dificuldades com a língua. Mais da metade dos professores não tem domínio da língua que lecionam. Tais inseguranças ao lecionar uma disciplina podem sim afetar a forma com que uma aula é ministrada e, conseqüentemente, a forma com que os alunos aprendem. Uma somatória de questões interfere na aprendizagem e juntas resultam nos números preocupantes de fluência dos brasileiros.

Fatores sociais e culturais que interferem na aprendizagem da Língua Inglesa

A busca constante dos estudantes de Língua Inglesa pelo perfeccionismo desmedido e o falso ideal inatingível de tornar-se igual a um falante nativo podem vir a causar uma sensação de frustração ao não conseguir esse padrão inalcançável. A Língua Inglesa é utilizada por um número de falantes que não a têm como primeira língua, os chamados falantes não-nativos, e partindo da ideia de que nem todo nativo brasileiro fala a Língua Portuguesa com perfeição e maestria (seguindo a norma padrão ou culta), deve-se considerar que nem todo nativo de Língua Inglesa utilize-a de forma perfeita. Cada falante se expressa conforme o seu ambiente e suas vivências com o uso da língua, além do contexto cultural em que se aprendeu o idioma.

Por parte dos alunos vem o demasiado perfeccionismo e a autossabotagem do medo

de errar que acaba por interferir na sua aprendizagem. Por parte do corpo docente vêm a existência de uma visão de impossibilidade dos discentes. Sobre isso, diz Lopes (1986, *apud* Lopes, 1996, p. 64):

[...]percebi uma série de julgamentos por parte dos professores em relação aos alunos que pareciam sintomáticos do inconsciente/consciente dos docentes de língua estrangeira (LEs) das escolas públicas: desde “coitadinhos, são tão fraquinhos” até a frase que dá título à essa sessão: “eles não aprendem português quanto mais inglês”.

O preconceito com pessoas de classes sociais mais vulneráveis segue presente em nossa sociedade, nas palavras de Lopes (1996, p. 66) “a visão da impossibilidade do aluno das classes oprimidas para a aprendizagem é visceral e, portanto, permeia o sistema educacional como um todo.” A visão do professor sobre os discentes e a relação entre professor e aluno tem influência no processo de ensino e aprendizagem de forma a interferir positiva ou negativamente na aprendizagem.

Pensando nessa relação, Costa ([2003], p. 05) diz que “geralmente, a relação professor-aluno é fator decisivo no sucesso dos aprendizes em relação ao aprendizado. Através do incentivo, o professor mexe com o interesse e a emoção do aluno transformando isso em motivação para obter conhecimento”. Há de se pensar se esse julgamento existente afeta a forma com que o docente prepara suas aulas e as ministra, impactando também a forma com que o alunado compreende o que lhe é ensinado.

Também não podemos deixar de mencionar o fato de que às vezes o aluno se autossabota por medo do erro. Na pesquisa apresentada no artigo de Costa ([2003], p. 22), feita com alunos no último ano de uma escola pública, ela traz que ao serem questionados sobre “O que faz você ficar com receio na aula de Língua Inglesa?”, os pontos mais mencionados pelos alunos foram a pronúncia e o medo de errar. Principalmente na escola pública, que lida com alunos, em média, a partir dos 11 anos de idade, que por se tratar de alunos adolescentes esse medo do erro acaba por resultar em uma menor participação do alunado nas aulas e atividades, interferindo de forma negativa no resultado final da

aprendizagem. Costa ([2003], p. 24) traz também os pontos considerados pelos alunos como mais desmotivadores, sendo eles aulas cansativas, provas difíceis, excesso de gramática, falta de leitura e falta de material. Os materiais utilizados e a forma com que se leciona poderão definir o nível de interesse do aluno e conseqüentemente a sua participação ou não na aula.

Ao falarmos de cultura na aprendizagem de Língua Inglesa é necessário citarmos a importância e necessidade de além da gramática, a presença dos aspectos culturais tanto do aprendiz, quanto da língua alvo, para que a sua identidade cultural não se perca, mas entenda a nova cultura ao qual ele está aprendendo o idioma. Para que o aprendiz tenha além da compreensão linguística a compreensão cultural, e possa entender os diferentes aspectos e que nenhuma cultura é maior ou melhor que outra. Essa compreensão cultural poderia resultar na diminuição dessa busca errônea que o aluno tem pelo inglês perfeito que deveria ser igual a um falante nativo.

A importância do ensino de inglês na escola pública em meio a um mundo globalizado

Vivemos em um mundo globalizado em que todos estão conectados, onde a informação circula em questão de minutos e segundos, se fazendo necessário o conhecimento da língua inglesa. Nas palavras de Celani (2016, p. 546) “[...] vejo o ensino da língua inglesa como uma necessidade premente, tendo em vista o papel que essa língua passou a desempenhar nos tempos atuais.” Hoje a língua inglesa vem sendo utilizada como ponte entre grupos sociais e culturais díspares, abrindo portas no mercado de trabalho e possibilidades acadêmicas de ir estudar no exterior. Desse modo, a necessidade que se faz do conhecimento do idioma exige que a escola se adapte a esta realidade e adapte o ensino de línguas estrangeiras para conseguir fazer chegar esse conhecimento a seus alunos de forma que eles consigam internalizar e efetivamente desenvolvam tal conhecimento.

O ensino público de língua estrangeira se faz neste momento não só importante como também essencial. Neste meio de globalização e grande circulação de informações, partindo de distintos pontos do planeta, que tem na Língua Inglesa um elo que liga essas informações, o saber se comunicar em inglês coloca os brasileiros neste patamar de cidadãos do mundo em que o inglês vem sendo utilizado para comunicação em países além

dos que a possuem como língua oficial.

O ensino/aprendizagem de Língua Inglesa representa um fator fundamental nesse meio globalizado que estamos vivenciando para que tenhamos acesso a um mundo de saberes que nos cercam. Por se sentir a necessidade deste conhecimento da Língua Inglesa, a escola se mantém presa às lacunas do serviço público de educação, que oferece aulas do idioma, mas não produz uma aprendizagem efetiva na qual os alunos saiam aptos a utilizar o que lhe foi ensinado em situações da vida cotidiana.

Falando sobre língua e globalização, além de mencionarmos a importância de se aprender o idioma, não poderíamos deixar de mencionar a questão do poder que está intrínseco na língua. Esta como forma de expressão de um povo leva consigo as identidades e valores culturais. Uma demonstração do poder de uma língua são países como a exemplo da Índia que foi colonizada pelos ingleses e falam o Hindi, mas tem a Língua Inglesa como idioma oficial. Isto também acontece em países como a Escócia, Uganda, Fiji, Botsuana, o País de Gales e alguns outros que também tem seus idiomas próprios, mas usam a Língua Inglesa como língua oficial do país.

Últimas considerações

Em meio às dificuldades enfrentadas por professores e alunos na educação básica, o conhecimento e a compreensão da realidade nos levam a pensar em melhorias para a nossa realidade. Embora atingir números expressivos de fluência da população brasileira seja uma realidade um tanto distante, é uma realidade não só possível como necessária e premente. Tendo em vista a constante expansão da Língua Inglesa como língua franca, o conhecimento desse idioma deixou de ser uma escolha e passou a ser algo imprescindível. No entanto, esse conhecimento no Brasil atualmente possui um caráter elitizado e de acesso restrito apenas aos que conseguem pagar um curso particular, já que a escola pública trabalha a Língua Inglesa por mais de cinco anos, mas não forma falantes da Língua Inglesa.

Os alunos estudam o idioma durante os quatro anos do ensino fundamental II, e mais um pouco no ensino médio, a depender do itinerário escolhido pelo aluno. No entanto, concluem os estudos com pouco conhecimento da Língua Inglesa. O número de

falantes do idioma no país deixa evidente a falta de familiaridade dos brasileiros com o inglês. A privação de contato dos alunos com o idioma, as metodologias de ensino usadas, a falta de espaços para praticar a oralidade da língua, materiais didáticos não adequados aos níveis de aprendizagem dos alunos levam nossos jovens a não internalizarem o conteúdo estudado.

Referências

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. - 13. ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 27 set. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, Conselho Nacional de Secretário da Educação - CONSED. União Nacional de Dirigentes Municipais da Educação - UNDIME. 11 de maio de 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 set. 2023

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, Conselho Nacional de Secretário da Educação - CONSED. União Nacional de Dirigentes Municipais da Educação - UNDIME. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2023

BRASIL. *Decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985*. Institui o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD. Brasília: MEC, 1985. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 30 set. 2023

BRITISH COUNCIL. O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira; *Instituto de Pesquisas Plano CDE*, São Paulo, 2015. BRITISH Council Brasil. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Um desafio na Linguística Aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* [online]. São Paulo, 2016, v. 32, n. 2, p. 543-555. Acesso em: 1 maio 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445081919576720433>. ISSN 1678-460X. <https://doi.org/10.1590/0102-445081919576720433>.

COSTA, Elvira L. *Fatores que motivam e desmotivam na aprendizagem de língua inglesa*.

Monografias Brasil Escola. Goiânia-GO. [2003] Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/fatores-que-motivam-desmotivam-na-aprendizagem-lingua-inglesa.htm> Acesso em: 23 abr. 2023.

DAVID, Ricardo S. O ensino e aprendizagem de inglês em escolas públicas: o real e o ideal. *Pedagogia em ação*[online], Belo Horizonte - MG, v. 9, n. 1, p. 76-85, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/13741>. Acesso em: 28 abr. 2023.

LEFFA, Vilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas, APLIESP*, São Paulo, n. 4, p. 13-24, 1999. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023

LIMA, Diógenes C. (org.). *Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LIMA, Diógenes C. (org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 245 p.

LOPES, Luiz Paulo M. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/ aprendizagem de línguas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996. 190 p.

SPIRANDEO, Vanessa. Quem fala inglês no mundo? In: Education First. *EF English Live*. [s.l.], 27 jun. 2013. Disponível em: <https://englishlive.ef.com/pt-br/blog/quem-fala-ingles-no-mundo/>. Acesso em: 02 Out. 2023